

OS JAVALIS
(peça em 1 ato)
de Gil Vicente Tavares

Personagens:

HOMEM A, HOMEM Acima de 40 anos
HOMEM B, HOMEM Acima de 40 anos

ATO ÚNICO

(Sala de uma casa comum. À esquerda, entrada que dará pra cozinha. À direita, porta que será a saída da casa. Sala cheia de móveis, aparência antiga. O HOMEM A estará em posição de tiro, em direção à cozinha. Veste roupas básicas, calça e camisa, que serão parecidas com as do HOMEM B, com exceção ao paletó. O motivo se tornará óbvio no decorrer da trama. Ouve-se um disparo. A luz abre-se.)

HOMEM A

O tiro de misericórdia. Não adianta a insistência. O prolongamento da espécie deveria ser um procedimento comum a homens e mulheres. Ah, mas no meio tem os problemas, e no meio das pernas o maior deles! *(Pausa, guarda a arma que estará em suas mãos)*. Não suporto visitas. Perco meu tempo discutindo coisas que sempre levarão à morte. Pois sim?! Tudo não leva à morte? Ou vai me dizer que tudo que fazemos, apressadamente, não é para afastá-la? Pois sim. Ainda ontem, tomava chá com minha mãe, em sua casa, quando o vizinho veio pedir açúcar. Odeio armas. Ando com elas sempre escondidas. É pra eu não ver o quanto somos ruins. Se eu caçava quando era novo!? Ah, essa é boa. Javalis no meu prato. Em plena cidade tropical. Só podia ficar louco. Um cavaleiro não pode comer comidas perecíveis. Conservantes nem pensar. Talvez por isso não existam cavalheiros hoje em dia. As visitas me perturbam e eu ando armado. Se sou louco?! Essa é boa. Não saio às ruas porque não tenho motivos. Minha mãe faz compras e me traz aqui. Minha vizinha. Ela e a gostosa da frente. Sempre quis comer a vizinha da frente. Javali no dendê. Se saio de casa aos domingos? Minha mãe faz os almoços e convida muita gente. A maioria vem de penetra. Coisa da nossa gente. Você está em uma festa, na sua casa, e acaba como desconhecido. Posso ir ao banheiro? É o que dá vontade de perguntar. Vou ter que limpar a cozinha de novo. Visitas só dão trabalho... *(Toca a campainha)*. Quem é? Deve ser o vizinho pedindo açúcar. *(Toca mais uma vez)*. Já vai! Oh, inferno, são esses vizinhos. *(Abre a porta. HOMEM B entra esbaforido)*.

HOMEM B

Feche a porta, rápido. Os javalis estão chegando...

HOMEM A (*estranhando*)

Como é que é?

HOMEM B

Os javalis! (*Empurrando a porta entreaberta*). Aí fora...

HOMEM A (*meio irônico*)

Javalis? Em nossa cidade?!

HOMEM B (*se explicando*)

Foi o que eu disse a eles.

HOMEM A

Faça o favor de se retirar de minha casa. Não te conheço e estou farto de histórias de javali.

HOMEM B

O javali é um porco feroz. Pode nos matar com suas presas.

HOMEM A

Não com a porta fechada...

HOMEM B

Esta porta não é nada para os javalis!

HOMEM A

Você quer que eu chame a polícia?

HOMEM B

Os javalis já comeram as cabeças de todo mundo, nessa cidade. Não sobraram nem policiais, nem professores, nem jovens. Só nos resta esperar pelo fim do mundo...

HOMEM A

Espera em outro lugar. Menos na minha casa. Tenho que dar de comer ao meu gato. Psss, psss... psss, psss (*mais alto*) psss, psss... ué, cadê meu gato? Ele sempre responde...

HOMEM B

Não há mais gatos e nem gente na cidade. Você não está levando a sério?!

HOMEM A

Mas meu gato quase não sai de casa...

HOMEM B

Vai ver que numa dessas...

HOMEM A

Não posso acreditar que...

HOMEM B

Também não acreditei quando vi sua mãe triturada por um deles.

HOMEM A

Não mete a mãe no meio!

HOMEM B (*bisbilhotando a casa*)

É verdade, experimente ligar pra ela... (*se dirige à cozinha*).

HOMEM A

Não entre aí! Quero dizer, por favor, esse lugar é área restrita da casa. (*Pra si*). É por isso que eu não gosto de visitas.

HOMEM B

A história de sua mãe é verdade. Ela inclusive mandou um beijo pra você enquanto era devorada pelos javalis!

HOMEM A (*desafiador*)

E por quê você não impediu?

HOMEM B

A sociedade protetora dos animais disse que eu estaria agredindo a cadeia alimentar. Disseram que eu tinha que respeitar os animais. Que na Índia a vaca era sagrada. Vê se pode?! O que é bom pra hindu, é bom pra hindu! Mas o engraçado é que quando os javalis partiram pra cima deles, pediram socorro e ajuda pra mim.

HOMEM A

E você ajudou?

HOMEM B

E a cadeia alimentar, fica aonde?

HOMEM A

Mas, vem cá, já que os javalis estavam comendo todo mundo, por quê não te comeram, então?

HOMEM B

Esqueci de dizer. Eu vendo produtos de limpeza naturais. Talvez o cheiro dos produtos não tenha agradado eles.

HOMEM A

Então é daí que vem o fedor?

HOMEM B

Fedor, não. Só não estamos acostumados a sentir o puro sabor da natureza...

HOMEM A

Os javalis, sim, estão até demais...

HOMEM B (*cortando*)

Se bem que eu também acho fedorento. Foi o chefe que mandou dizer essas coisas todas. Preciso ganhar a vida. Quer dizer, precisava. Agora que eu vou morar com você

aqui, longe dos javalis, longe de tudo, viveremos de suas despensas, até que tenhamos que enfrentar de novo o mal do século.

HOMEM A

Vá embora, homem... deixe de falar bobagem. Tenho um almoço marcado com minha mãe. Hoje é domingo... dia de fazer javali...

HOMEM B

Eles viraram a mesa, homem! Não há mais saídas. Até a vizinha gostosa da frente foi comida.

HOMEM A (*irônico*)

Ora, eu sempre soube, menos por mim...

HOMEM B

Ligue pra sua mãe. Eu espero. Se ela atender eu saio.

HOMEM A

Que coisa ridícula. Javali ser o mal do século... (*pega o telefone, disca, espera*). Chama e ninguém atende, deve ter ido comprar o tempero pro javali. (*Bate o telefone*).

HOMEM B

Viu que eu disse?!

HOMEM A

Que ridículo! Como é que você conhece a vizinha da frente? E como sabe que minha mãe é minha mãe?!

HOMEM B (*mórbido*)

Na desgraça todos se conhecem... (*se animando*). E eu também era vendedor!

HOMEM A

Era? Então entrar em minha casa é uma espécie de carta de demissão?

HOMEM B

Não seja tão rude. Precisamos viver como irmãos a partir de agora. Só existimos nós dois no mundo. Ligue a televisão e verá!

HOMEM A

Não costumo ver televisão. Esse sim é o mal do século. A minha fica na cozinha...

HOMEM B (*dirige-se à cozinha*)

Então vamos lá...

HOMEM A (*barrando sua entrada*)

Já lhe disse pra não entrar aí!

HOMEM B

E como veremos a TV?

HOMEM A

Não veremos. É fácil. Eu ficarei em minha sala, esperando minha mãe chegar do mercadinho e você vai se retirar de minha casa.

HOMEM B

Por favor, me entenda! Estamos prestes a morrer. Bem que sua mãe me falou de sua avareza...

HOMEM A

Minha mãe o quê?

HOMEM B

Me disse que você era pão duro. E olha que isso não foi a única coisa que ela disse.

HOMEM A (*Mudando repentinamente de comportamento*)

Bem, sente se. Conte um pouco mais. Sempre quis saber o que minha mãe achava de mim.

HOMEM B

Bem, ela me disse... ah, você não gostaria de saber...

HOMEM A

Pode contar, eu estou preparado.

HOMEM B

Ai meu deus... (*encarrilhado*). Bem, ela disse que não agüenta mais você ir almoçar com ela aos domingos, que você é chato, entrão, que na verdade te odeia, que não sabe como botou um filho assim no mundo e...

HOMEM A (*cortando*)

Chega, é o bastante. Sempre soube que minha mãe não prestava. Desde o dia em que ela escondeu o doce de goiaba atrás das verduras, na geladeira...

HOMEM B

Sua mãe também fazia isso?

HOMEM A

Pior é que ficava com gosto de coentro depois... vinha com o argumento que era melhor aumentar a goiabada pra depois reparti-la. Nessa história, eu acabava não comendo nunca.

HOMEM B (*pra si*)

E eu que pensava que javali era o mal do século...

HOMEM A (*desconversando*)

Você quer ver televisão?

HOMEM B

Daqui a pouco. Conte mais sobre essas atrocidades...

HOMEM A

É muito doloroso lembrar disso. Você gosta de doce de goiaba?

HOMEM B

Adoro. Minha mãe também o escondia de mim, e pior é que era atrás da carne de feijão, imagine o cheiro que ficava...

HOMEM A

No mínimo igual a seus produtos de limpeza...

HOMEM B (*cortando*)

Ainda hoje eu comprei doce de goiaba pra levar pra casa. Só que os javalis comeram todo.

HOMEM A

Que horas foi isso?

HOMEM B

Na hora em que eu tocava na campainha de sua casa. Por isso eu entrei tão afobado.

HOMEM A

Você realmente acha que eu estou acreditando nessa história de javali?!

HOMEM B

Tente ligar pra sua mãe!

HOMEM A (*buscando mudar de assunto*)

E sua mãe, também já fez javali pra você, alguma vez?

HOMEM B

Nunca comi e nem tinha visto um javali até o dia de hoje. Eles são terríveis!

HOMEM A

Seu gosto também. Sempre odiei os javalis que minha mãe fazia. E a ingrata ainda saía por aí dizendo que sou chato, entrão...

HOMEM B

Êpa, por aí não. Ela contou isso pra mim em total segredo!

HOMEM A

Você conheceu ela quando?

HOMEM B

Hoje, por quê?

HOMEM A

Você confiaria em alguém que você conheceu hoje?

HOMEM B

Eu confio em você.

HOMEM A

Ora, vamos, fale sério.

HOMEM B

Estou falando sério. De qualquer forma, eu terei que confiar em você. Se não, vai ficar parecendo um... casamento. Estamos ligados pelos sagrados laços dos javalis. Falei bonito?! Sempre treinei pra falar bem. É o primeiro exercício de um bom vendedor. Lembro que eu entrava em fila de banco só pra conversar com as pessoas...

HOMEM A

Deixe de falar bobagem. Não se pode confiar em alguém da noite pro dia!

HOMEM B

Pois eu confio em você e você precisa acreditar, confiar em mim. Duas cabeças lutam melhor contra um javali do que uma só. Pense bem, se sua mãe confiou em mim, você também tem que confiar. Peça à mãe que o filho atende.

HOMEM A

Deixe minha mãe fora disso. *(Toca o telefone)*.

HOMEM B

Quer que eu atenda? Deve ser alguma armadilha. *(Ouve-se pancadas na porta)*. Veja, são eles!

HOMEM A

Pelo amor de deus. Esse barulho é a bola dos meninos do apartamento da frente.

HOMEM B *(o telefone continua tocando)*

Os filhos da gostosa?

HOMEM A

Você vai atender o telefone?

HOMEM B

E se forem eles? *(O telefone para de tocar)*.

HOMEM A *(correndo para atender)*

Parou de tocar. E se foi minha mãe? Javalis não sabem discar, não é!?

HOMEM B

Eles devem estar com reféns. O que será de nós?! *(Toca o telefone de novo)*. Agora eu atendo. *(Pega o fone)*. Alô!? Ele não está, *(para o HOMEM A, com a mão no auscultador)* estou tentando disfarçar... *(volta a falar no telefone)* foi pescar na praia. Deixo sim. Um beijo. *(Bate o telefone)*.

HOMEM A

Quem era?

HOMEM B

Sua mãe. Estava te chamando pra comer o javali. Podia ser uma armadilha...

HOMEM A

Você não disse que ela tinha sido devorada pelos javalis?

HOMEM B

Bem lembrado, então foi engano.

HOMEM A

Que outra mãe chamaria o filho pra comer javali?!

HOMEM B

Realmente, deve ter sido trote, então.

HOMEM A

Você realmente esgotou minha paciência. Se todos estivessem realmente mortos, não ligariam pra mim. Vou almoçar com minha mãe (*pega o telefone*), e o senhor vai se retirar de minha casa. (*Disca o telefone*).

HOMEM B

Que senhor, o quê! Nós já temos intimidade o suficiente para estes tipos de trato. Pois ligue pra sua mãe! Quero ver quem é o mentiroso aqui.

HOMEM A

Chama e ninguém atende. Estranho. Ela deve ter ligado da rua. (*Bate o telefone*). Ninguém nunca liga pra mim (*disfarçando*), quer dizer, aos domingos...

HOMEM B

Impossível, os javalis comeram todos os orelhões, hidrantes e já estavam tentando comer os postes. A dificuldade era escalar, com o peso deles (*Barulho na porta, desesperado*). São eles!

HOMEM A

Já te disse, rapaz, não existem javalis em nossa cidade.

HOMEM B

Você já foi no Zoológico?

HOMEM A

Lógico. O Zoológico é vizinho daqui de casa...

HOMEM B

Existem girafas em nossa cidade?

HOMEM A

Existem no Zoológico, apenas. Não tente me enrolar com deduções óbvias. Por mais javalis que tivessem no Zoológico, não seriam em número suficiente para destruir a cidade, muito menos o mundo inteiro. Eu mesmo tenho uma arma pra me defender. (*Tira a arma*).

HOMEM B (*jogando-se ao chão*)

Largue isso. Pelo amor de deus, eu tenho trauma!

HOMEM A

Você prefere a arma ou os javalis? Vou ligar de novo pra mamãe.

HOMEM B

Aquela que escondia a goiabada atrás das verduras?

HOMEM A

Você por acaso quer me influenciar?

HOMEM B

De certa forma, *(pra si, levantando-se)*, e sua mãe já morreu mesmo...

HOMEM A

Pois consegui. *(Guarda a arma)*. Minha mãe realmente, depois de tudo que fez e disse, não merece a minha companhia. Você visita sua mãe?

HOMEM B

Me recuso. Por isso virei vendedor. Pra não precisar olhar mais pra cara dela.

HOMEM A

Você a odeia tanto assim?

HOMEM B

Além de tudo ela era ranzinza e feia. Ou você acha que eu nasci com esse rostinho à toa.

HOMEM A

Você realmente não é dos mais bonitos...

HOMEM B

No emprego como vendedor eles exigiam que tivéssemos boa aparência, e no entanto eu entrei. *(Encarando o HOMEM A)* Ah, você talvez entrasse também! Por quê não experimenta!? Eu emprestaria meu paletó e você iria. *(Tira o paletó)*. Vista. *(Ajuda-o a vestir-se)*. Ficou lindo. O patrão iria adorar. Poderíamos sair para vender juntos. Se alguém não quisesse comprar, você obrigava com a arma! *(Ri)*. Brincadeira. Mas ficou bom mesmo...

HOMEM A

A gente iria vender pra quem? Como falaríamos com seu patrão? Você não disse que todos foram devorados pelos javalis?

HOMEM B

Tem razão. Eu tinha me esquecido... ah, mas de qualquer forma, eu dou o paletó pra você. Ficou melhor que em mim.

HOMEM A *(tentando tirá-lo)*

Não faço a mínima questão...

HOMEM B *(recolocando-lhe o paletó)*

Por favor, não me faça essa desfeita. É um presente. Quando é seu aniversário?

HOMEM A

O quê importa, a essa altura dos acontecimentos?

HOMEM B

Diz! Está com vergonha, é?

HOMEM A

É hoje.

HOMEM B

Eu sabia!

HOMEM A

Como você sabia?

HOMEM B (*irônico*)

Isso tudo é uma grande encenação, fui contratado por sua mãe para uma festa surpresa, ela mandou esse paletó de presente. Parabéns! (*Começa a rir, misto de graça e nervosismo*).

HOMEM A

Você está falando sério?

HOMEM B

É claro que não... (*é interrompido por outro barulho, mais forte, na porta*). Ai! São eles de novo!

HOMEM A

Ora, pois sim. Não agüento mais brincadeiras. Vou reclamar com esses moleques e pôr você pra fora.

HOMEM B (*tomando a frente da porta*)

Não faça isso. Eles vão entrar. Por favor!

HOMEM A

Nossa, como eu odeio visitas!

HOMEM B (*começando a ficar nervoso*)

Lembre que eu não sou uma visita. Sou o que restou de sua extinta espécie. Se você realmente quer abrir a porta, então abra. Abra sem medo. (*Se exaltando*). Pois eu sou um louco e estou perdendo esse tempo todo aqui, para te convencer de uma coisa que não existe. Abra a porta. Não existe nada além de crianças brincando com bola. Vamos ver o quanto eu sou louco e você está certo. Esqueça as coincidências dos telefonemas, meu desespero ao entrar em sua casa, tudo que sua mãe me disse. Esqueça e abra a porta. Tem um mundo lá fora, belo, com um único javali no prato, à sua espera, e sua adorada mãe sorrindo pra você. (*Totalmente exaltado*). Abra a porta! Vamos! Abra esta porta agora! Abra! Abra! Abra!

HOMEM A (*constrangido*)

É melhor você se acalmar primeiro. Sente se um pouco. Vou pegar um pouco de chá que eu fiz. Chá de tília. Gosta?

HOMEM B

Não precisa, já estou mais calmo.

HOMEM A Você sempre foi assim, histérico, ou é apenas circunstancial?

HOMEM B (*mudando radicalmente de humor, acalmando-se*)

Só estou um pouco preocupado, mais nada. Nossa situação de vítima não me agrada nem um pouco. Num momento em que deveríamos relaxar, frente às atuais circunstanciais, você só me deixa mais nervoso...

HOMEM A

Desculpa. É que esses meninos... (*pancada mais forte, gritos indecifráveis bem ao longe, ele toma um grande susto*). Nossa. (*Preocupado*). Dessa vez foi mais forte! Você está começando a me deixar preocupado. (*Tentando cair na real*). Onde já se viu! Javalis! Essa é boa...

HOMEM B (*sentado, parecendo relaxado, despreocupado*)

Tranque as portas em vez de ficar falando.

HOMEM A (*tentando disfarçar a preocupação*)

Bem, não custa nada, por precaução. Mas não pense que com isso eu estarei aceitando sua absurda história... (*barulho mais forte, esta vez, ele sai desesperado momentaneamente pra trancar a porta, enquanto o outro apenas se abana sentado na cadeira*). Vou trancar logo tudo! (*Sem graça, disfarçando*). Esses meninos...

HOMEM B

Você tem filhos?

HOMEM A

Ora, você não está vendo que eu moro só?

HOMEM B

Poderia ser desquitado...

HOMEM A

Não tenho filhos e nem nunca me casei!

HOMEM B

Você é veado?

HOMEM A

Ora, deixe de falar besteira, só não achei a mulher certa pra mim ainda...

HOMEM B (*imitando-o*)

Ainda... não existem mais mulheres, esqueceu? Acabou. Só nos resta esperar pela morte.

HOMEM A (*já aparentando preocupação*)

Como você é pessimista! Mesmo que sua história seja verdade, o que eu ainda duvido, não é possível que os javalis tenham matado todo mundo assim, da noite pro dia...

HOMEM B

Mas não foi da noite pro dia, foi do dia pra noite. Já são seis horas da tarde...

HOMEM A (*toma a dianteira*)

O almoço de minha mãe... (*grunhidos e barulhos lá fora, ele se acovarda*). Mas pensando bem, às seis horas não se deve mais ir almoçar na casa de ninguém, mesmo que seja da mãe...

HOMEM B (*pra si mesmo*)

A não ser que você queira almoçar ela...

HOMEM A

O quê que você disse?

HOMEM B

Ora, deixe de confusão! Pois sim! Devemos aceitar a condição que nos é imposta. Não podemos mudar o mundo com nossas vontades. Fui panfletário, mas deve ter ajudado...

HOMEM A

Você já estudou filosofia, niilismo, essas coisas?

HOMEM B

Nunca fiz questão de estudar.

HOMEM A

E essas frases?

HOMEM B

Nunca perco essa sessão nas revistas de moda. Minha mãe faz coleção de corte e costura. Você se interessa?

HOMEM A (*triste*)

Será que mamãe morreu...

HOMEM B

Ora, homem, vamos, pois sim! Deixe de agonia. Que tal falarmos sobre futebol?

HOMEM A

Detesto.

HOMEM B

Política?!

HOMEM A

Desacreditado.

HOMEM B

Por favor, preciso saber do que você gosta para mantermos um diálogo saudável. Deixe me ver... (*olha pra arma*). Você serviu ao exército?

HOMEM A

Inútil!

HOMEM B

O quê, você ter servido?

HOMEM A

Não, o exército. Estamos sitiados em casa por uma revolta ja... javalinesca; e o exército não faz nada. Pra quê gastar dinheiro público comprando novas armas, se nunca as usaremos?

HOMEM B

Ora, então você está mais desinformado do que eu pensava. Já faz um bom tempo que os javalis tomaram conta das forças militares. Eles entraram de mansinho, aos poucos, com propostas sedutoras ao exército. Os javalis propuseram uma aliança – aliás, você sabe que a política inteligente precisa de aliança – que consistia no seguinte: Os javalis exterminariam com instituições do governo, destruindo universidades, hospitais públicos, estatais, e tendo destruído todas elas, arranjariam um jeito de desviar mais verbas, para que todos do poder se beneficiassem.

HOMEM A

Onde, então, eles guardariam todas essas verbas desviadas?

HOMEM B

Nos bancos. Eles também entraram no acordo. Foi uma proposta tentadora para todos. Você sabe como são as coisas, se o poder não se interessa nem um pouco por educação, saúde, essas coisas, imagine então os javalis. No entanto, os planos dos javalis não paravam por aí. Como bons gananciosos que são, acabaram por trair o exército. O general foi o primeiro a ser devorado na reunião.

HOMEM A

Você quer dizer que na conversa, os javalis enganaram todo o exército? Você é louco...

HOMEM B

Não na conversa, pois eles perderiam muito tempo explicando aos militares sem que eles entendessem, mas falou em poder, o exército se ouriça logo.

HOMEM A

E agora?

HOMEM B

Os javalis já comeram o exército todo. Inclusive seu arsenal. Eles agora peidam granadas e arrotam balas de fuzil. Estão mais preparados do que nunca! O pior é que os javalis dominaram também a aeronáutica e a marinha. Daqui a pouco você vai ver um bocado de javalis voando sobre sua casa... imagine javali kamikaze...

HOMEM A

E os javalis que dominaram a marinha?

HOMEM B

Esses gastaram um pouco mais de tempo, porque você sabe, né, porco não nada, afunda. O dinheiro que eles gastaram de bóia, dava pra alimentar metade do país. Os javalis submarinos tomaram conta da costa nacional. É o caos!

HOMEM A *(já entrando na viagem, preocupado)*

E como nos livraremos deles agora, só com uma arma e...

HOMEM B

Meus produtos de limpeza! É isso! Vamos espalhar pelas entradas da casa! *(Pega a maleta, tira uns frascos e distribui com o homem)*. Vamos! *(Começa a espalhar na porta, enquanto o HOMEM A espalha na janela. O HOMEM B vai em direção à cozinha. Vale ressaltar uma devida atenção ao fedor dos produtos)*.

HOMEM A *(olhando preocupado para a cozinha, nervoso)*

Não entre aí! Quer dizer, aí não tem saída pra rua, deixe pra lá...

HOMEM B

Tudo bem então. Estamos mais tranqüilos ou não?

HOMEM A

Bom, mais ou menos. Como posso ficar tranqüilo sabendo de um plano como esse. De comunhão militar para tomar o poder, pessoas morrendo indiscriminadamente nas ruas, a quase total destruição do ensino público, desvio de verbas, é um verdadeiro absurdo!

HOMEM B

Não me venha com histórias de absurdo! Esqueceu que só temos nós dois, agora, no mundo? Deixe de se preocupar com besteiras. Temos que pensar na gente, não existem mais “outros”, é o mundo moderno em que vivemos. Sitiados, como você mesmo disse, por javalis, sem nada podermos fazer diante da situação. E você mesmo disse que não gostava de política...

HOMEM A

Isso não é questão mais de política. É questão de sobrevivência! E os jovens, não fazem nada a respeito disso!?

HOMEM B

Já lhe disse. Os javalis comeram os jovens também. Os jovens estão mortos. Os javalis comeram todos na sobremesa. Como se fossem goiabada...

HOMEM A *(buscando alguma solução)*

Poderíamos ligar a televisão...

HOMEM B

Você correria o sério risco de ter sua televisão invadida pelos javalis.

HOMEM A

Como eles entrariam aqui em casa? Os produtos de limpe...

HOMEM B

Eles já têm tecnologia o suficiente para entrar em nossas casas através da televisão, ou você acha que foi mérito do homem ter chegado à lua? (*Barulhos, grunhidos e tiros do lado de fora*).

HOMEM A

Isso foi um tiro?

HOMEM B

Possivelmente um peido.

HOMEM A (*em pânico*)

Estamos perdidos!

HOMEM B

Mais um motivo para, em nosso último estertor de vida, nos conhecermos melhor. Como é o nome do senhor?

HOMEM A (*agoniado*)

Não interessa, vamos morrer mesmo...

HOMEM B

Eu te disse que era vendedor, e no entanto você ainda não disse nada sobre o que você faz, por exemplo...

HOMEM A

Sou aposentado.

HOMEM B

Coitado.

HOMEM A (*justificando-se, sem graça*)

Vamos morrer mesmo. Aposentado ou não, estamos no mesmo barco.

HOMEM B (*sonhador*)

Na mesma casa, só eu e você...

HOMEM A

Bem, de qualquer sorte... (*barulhos novamente. Os grunhidos estão cada vez mais fortes, o HOMEM A se desespera cada vez mais, olha pra cozinha, preocupadíssimo, enquanto HOMEM B parece aparentemente calmo*). Minha nossa senhora, será que os produtos vão adiantar muito tempo?

HOMEM B

Nossa senhora foi comida também...

HOMEM A

Não é o que diz a bíblia...

HOMEM B

Você é religioso!?

HOMEM A

Apostólico romano. Você?

HOMEM B (*se ajeitando*)

Estou bem, obrigado.

HOMEM A

Você está muito calmo com essa situação toda. Nem parece com aquele vendedor esbaforido que entrou em minha casa. (*Começa a pegar os móveis para botar na porta*).

HOMEM B

Um dia é da caça e outro do caçador. Mudo de acordo com a situação.

HOMEM A (*nervoso*)

Já sei, leu isso na revista de corte e costura? Adivinhei?

HOMEM B

Não, foi o que sua mãe disse quando os javalis abocanharam ela. Na hora ela estava servindo um tira gosto de javali pra mim, nem tive tempo de experimentar.

HOMEM A

Sorte sua... vamos me ajude com esses móveis!

HOMEM B (*sem sair da cadeira, dando ordens*)

Bota mais para a direita, assim sustenta melhor...

HOMEM A (*obedecendo cegamente*)

Assim?

HOMEM B

Um pouco mais...

HOMEM A

Assim?

HOMEM B

Pra esquerda agora... dá no mesmo, na atual situação...

HOMEM A

Você sabe mais ou menos o número de javalis que se encontram na cidade?

HOMEM B

Devem ser milhares, milhões, sei lá...

HOMEM A (*sempre ajeitando os móveis*)

E agora?

HOMEM B

Melhor. Sei que são em número suficiente para derrotar qualquer exército do mundo!

HOMEM A (*percebendo momentaneamente sua condição de subalterno*)

Ora, mas isso é fácil, com o arsenal que eles têm. Difícil é trabalhar aqui, com esse peso todo; tenso, preocupado, sozinho. E ainda esta arma me espetando...

HOMEM B

Deixe ela aqui, em cima da mesa. Fica mais fácil.

HOMEM A

Realmente, é melhor. (*Tirando a arma e botando em cima da mesa*). Qualquer coisa, você atira. Sabe?

HOMEM B

Aprendo.

HOMEM A (*procurando mais móveis*)

O quê mais... (*tropeça em uma cadeira*). Ai!

HOMEM B

Cuidado, esses móveis foram caros...

HOMEM A

Como eram as caras dos javalis?

HOMEM B

Pareciam homens de longe. Só de bem perto é que se via o quanto eram repugnantes.

HOMEM A

Você teve medo?

HOMEM B

Pois sim. Claro que não.

HOMEM A

Eu teria. Não suporto javalis, animais, exército, política, me dá pânico essa selvageria toda...

HOMEM B

Não suporto homens covardes.

HOMEM A

Ainda há pouco você...

HOMEM B

Não suporto homens covardes perto de mim. Homem que é homem não chora.

HOMEM A (*chegando perto do HOMEM B*)

Mas você...

HOMEM B (*pegando a arma*)

Não se aproxime!

HOMEM A

Por favor, me compreenda. Estou apavorado pela situação. Nós somos os únicos sobreviventes da espécie e um arsenal de javalis está aí fora, prestes a nos matar. Como posso ficar corajoso frente a uma situação destas? (*Começa a chorar*).

HOMEM B

Não chore, imbecil. Não vê que os produtos espantaram qualquer ameaça daqui?! Estamos, por hora, livres. Não ouvimos mais barulhos tem algum tempo. Eles se foram, pelo menos momentaneamente.

HOMEM A

E se eles estiverem preparando uma armadilha?! Somos os únicos sobreviventes, lembra, você mesmo disse...

HOMEM B

Veja bem, eu vou abrir a porta (*se dirige para a porta da frente*), e vou mostrar pra você que não há nenhum animal aí fora. Acalme-se e sente-se.

HOMEM A (*tomando a frente*)

Não faça isso, pelo amor de deus!

HOMEM B

Vou lhe mostrar que não há nenhuma visita além de nós dois...

HOMEM A

Lembre que eu não sou uma visita. Sou o que restou de sua extinta espécie. Se você realmente quer abrir a porta, então abra. Abra sem medo. Pois eu sou um louco e estou perdendo esse tempo todo aqui, para te convencer de uma coisa que não existe. Abra a porta. Não existe nada além de crianças brincando com bola. Vamos ver o quanto eu sou louco e você está certo. Esqueça as coincidências dos telefonemas, meu desespero. Esqueça e abra a porta. Tem um mundo lá fora, belo, com um único javali no prato, à sua espera, e minha adorada mãe sorrindo pra você. Abra a porta! Vamos! Abra esta porta agora! Abra! Abra! Abra!

HOMEM B (*empurrando HOMEM A com certa força*)

Sente-se já. (*Aponta-lhe a arma*). E acalme-se. Vou mostrar como está tudo em ordem.

HOMEM A (*sem saber o que fazer, sentindo-se ameaçado, sentado na cadeira, constrangido, chorando*)

Por favor, eu estou com medo...

HOMEM B

Você verá que não tem nada... (*começa a tirar os móveis da frente da porta, que deverão ser móveis fáceis de pôr no lugar onde estavam*). Vamos, me ajude, tire esses

móveis daqui. (HOMEM B aponta-o a arma. HOMEM A vai em direção aos móveis, totalmente receoso. HOMEM A arruma-os, olha para a porta e volta correndo para a cadeira, sob a mira do HOMEM B). É só um instante. Você vai ver...

HOMEM A (se agarrando a maleta do HOMEM B, com medo, apavorado)
Por favor...

HOMEM B

É só um instante... (nisso, ouvem-se barulhos muito mais fortes que qualquer das outras vezes, gritos e tiros, pancadas também vindas da cozinha; até um barulho mais forte, absurdamente, impulsionar o HOMEM B para trás, sem, no entanto, este largar a arma).

HOMEM A (sai correndo desesperadamente em direção à cozinha, com a pasta do HOMEM B na mão)
Preciso vedar a porta dos fundos...

HOMEM B (se levantando, com a arma em punho)
Ah!! Você me enganou...

HOMEM A (olhando pra trás, da porta da cozinha)
É que você não podia... (vai entrando na cozinha, sumindo de cena).

HOMEM B

Não entre aí! (Atira no HOMEM A. Este, já fora de cena, conseqüentemente não será visto pela platéia no momento do tiro). O tiro de misericórdia. Não adianta a insistência. O prolongamento da espécie deveria ser um procedimento comum a homens e mulheres. Ah, mas no meio tem os problemas, e no meio das pernas o maior deles! (Pausa, guarda a arma que estará em suas mãos). Não suporto visitas. Perco meu tempo discutindo coisas que sempre levarão à morte. Pois sim?! Tudo não leva à morte? Ou vai me dizer que tudo que fazemos, apressadamente, não é para afastá-la? Pois sim. Ainda ontem, tomava chá com minha mãe, em sua casa, quando o vizinho veio pedir açúcar. Odeio armas. Ando com elas sempre escondidas. É pra eu não ver o quanto somos ruins. Se eu caçava quando era novo!? Ah, essa é boa. Javalis no meu prato. Em plena cidade tropical. Só podia ficar louco. Um cavaleiro não pode comer comidas perecíveis. Conservantes nem pensar. Talvez por isso não tenham cavalheiros hoje em dia. As visitas me perturbam e eu ando armado. Se sou louco?! Essa é boa. Não saio às ruas porque não tenho motivos. Minha mãe faz compras e me traz aqui. Minha vizinha. Ela e a gostosa da frente. Sempre quis comer a vizinha da frente. Javali no dendê. Se saio de casa aos domingos? Minha mãe faz os almoços e convida muita gente. A maioria vem de penetra. Coisa da nossa gente. Você está em uma festa, na sua casa, e acaba como desconhecido. Posso ir ao banheiro? É o que dá vontade de perguntar. Vou ter que limpar a cozinha de novo. Visitas só dão trabalho... (Toca a campainha). Quem é? Deve ser o vizinho pedindo açúcar. (Toca mais uma vez). Já vai! Oh, inferno, são esses vizinhos. (Abre a porta. HOMEM A entre esbaforido, com o paletó e a maleta do HOMEM B).

HOMEM A

Feche a porta, rápido. Os javalis estão chegando...

HOMEM B (*estranhando*)

Como é que é?

HOMEM A

Os javalis! (*Empurrando a porta entreaberta*). Aí fora...

HOMEM B (*meio irônico*)

Javalis? Em nossa cidade?!

HOMEM A

Foi o que eu disse a eles.

HOMEM B

Faça o favor de se retirar de minha casa. Não te conheço e estou farto de histórias de javali.

HOMEM A

O javali é um porco feroz. Pode nos matar com suas presas.

HOMEM B

Não com a porta fechada...

HOMEM A

Esta porta não é nada para os javalis!

HOMEM B

Você quer que eu chame a polícia?

HOMEM A

Os javalis já comeram as cabeças de todo mundo, nessa cidade. Não sobraram nem policiais, nem professores, nem jovens. Só nos resta esperar pelo fim do mundo...

(*Escuro*).

(CAI O PANO)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.